

ID:782

**O ESPIRITISMO COMO INSTÂNCIA DE PARTICIPAÇÃO NAS
CULTURAS DO ESCRITO EM CAETITÉ, BAHIA, BRASIL [1905-
1930]: O CASO DE UM SUJEITO**

AUTORES:

Joseni Pereira Meira Reis

FILIAÇÃO:

Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia [UNEB],
doutoranda em Educação do programa de Pós-graduação da FAE-UFMG.
Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Cultura Escrita, vinculado ao
GEPHE. Membro do NEPE.

AUTORES:

Ana Maria Oliveira Galvão²

FILIAÇÃO:

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas
Gerais [UFMG]. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico [CNPq] Coordenadora do Grupo de Estudos e
Pesquisas em Cultura Escrita, vinculado ao GEPHE.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar de que maneira a participação em ações relacionadas à doutrina espírita contribuiu para a aproximação de um sujeito das culturas do escrito. João Gumes, nascido em Caetité, cidade do Alto Sertão da Bahia (1858-1930), teve a sua formação escolar restrita, mas desenvolveu grande habilidade com as letras. Assim, interessa-nos saber: o nível de aproximação que a família de Gumes desenvolveu com o Espiritismo; quais eram os livros que orientavam as leituras do sujeito; o que Gumes produziu e escreveu sobre o espiritismo; como se deu o processo de apropriação dessas leituras. Os estudos realizados no âmbito da história cultural, da história da cultura escrita e da história da educação têm-se constituído nas principais bases teórico-metodológicas do estudo. O período investigado pela pesquisa compreende os anos de 1905 a 1930, que compreende o momento em que Gumes produziu alguns dos seus romances. Entretanto, deve-se ressaltar que, anteriormente a esse período, Gumes já era adepto do Espiritismo. A proximidade de Gumes com o Espiritismo parece ter sido favorecida pelas leituras, assim como pelas redes de sociabilidade; geralmente eram pessoas que faziam parte da elite política e econômica, a exemplo de Aristides Spínola, considerado um dos precursores do espiritismo em Caetité.

PALAVRAS-CHAVE

Espiritismo, Culturas do escrito, Início do século XX – Bahia.

1. INTRODUÇÃO

A presente comunicação tem como objetivo analisar de que maneira a participação em ações relacionadas à doutrina espírita, no caso, o espiritismo kardecista, contribuiu para a aproximação de um sujeito – João Gumes – das culturas do escrito, nas primeiras décadas do século XX, em Caetité, Bahia¹. Considere-se que, além de ter escrito romances com abordagem espírita, é possível, também, identificar em outras obras suas referências aos preceitos da doutrina.

O conceito cultura escrita² será utilizado na perspectiva proposta por Ana Maria Galvão (2010). A autora considera polêmico e complexo conceituar cultura escrita, já que o termo implica pensar algumas consequências, como o fato de a cultura escrita não ser homogênea. Assim, a autora afirma ser relevante pensar em “culturas do escrito”, pois não se trata de conceber o mundo da escrita apenas como aquisição da “habilidade de escrever”. O conceito deve ser extensivo a “todo evento ou prática que tenha como mediação a palavra escrita” (GALVÃO, 2010, p.218). Visando dar inteligibilidade ao conceito, Galvão opta pela utilização dos fundamentos da antropologia cultural. Logo, considera a cultura escrita como “lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade” (GALVÃO, 2010, p.218).

A partir da análise das fontes documentais, buscamos compreender de que maneira uma instância religiosa, o Espiritismo, cuja dinâmica de funcionamento se baseava na ampla produção e circulação do escrito, contribuiu para a participação de João Gumes nas culturas do escrito. Assim, interessa-nos saber: a crença no Espiritismo já estava presente na instância familiar? Qual o nível de aproximação que os progenitores desenvolveram com a doutrina? Quais eram os livros que orientavam as leituras do sujeito? Como se deu o processo de apropriação dessas leituras? O que Gumes escreveu sobre o espiritismo nas suas obras?

O período investigado pela pesquisa compreende os anos de 1905 a 1930, se refere aos anos iniciais de funcionamento do Centro Espírita em Caetité, além de ser a época em que Gumes produziu alguns dos seus romances. Entretanto, deve-se ressaltar que, anteriormente a esse intervalo de tempo, Gumes já era adepto do Espiritismo, tendo, inclusive, escrito, no final do século XIX, um romance manuscrito de conotação espírita. Para a realização do estudo, utilizamos como fontes documentos (como livros, atas, jornais e revistas) que se encontram no arquivo do Centro Espírita Aristides Spínola, em Caetité, e a biblioteca desse Centro. Utilizamos, ainda, documentos (como jornais, revistas e outros) que se encontram no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC), além da produção escrita do sujeito investigado, no caso, especificamente, os

¹ O município está localizado na zona fisiográfica da Serra Geral, situado na encosta da Serra do Espinhaço do Alto Sertão baiano. A cidade encontra-se a 757 quilômetros da capital do estado.

² Um aprofundamento na discussão em torno do conceito de “culturas do escrito” pode ser encontrado também em: Chartier (2001, 2002) e Galvão et al. (2008).

romances Seraphina (188?); Os Analphabetos (1928); O Sampauleiro (1932) e Vida Campestre (1926).

O presente artigo encontra-se estruturado da seguinte maneira: no primeiro momento, traçamos a trajetória formativa de Gumes na família, com o intuito de conhecer o perfil dos seus progenitores para identificar se a crença na doutrina Espírita já estava presente na instância familiar. No segundo momento, investigamos quais os autores espíritas e as obras que fizeram parte das leituras que realizou sobre a doutrina. No terceiro e último momento, procuramos analisar João Gumes como escritor e, a partir dos indícios presentes nos seus escritos, identificar o que produziu sobre o Espiritismo, como se posicionou frente à doutrina, que ideias defendeu.

1.1. TRAJETÓRIA FORMATIVA DE JOÃO GUMES NA FAMÍLIA

O sujeito da pesquisa, João Antônio dos Santos Gumes (1858-1930), era filho de Anna Luísa e João Antônio dos Santos Gumes (pai), nasceu e teve a sua trajetória formativa restrita a Caetité e cidades circunvizinhas no Alto Sertão da Bahia. Gumes era proveniente de uma família de formação católica, era o terceiro de uma prole de cinco filhos em que todos receberam os sacramentos do batismo ainda crianças.

Sobre os progenitores de Gumes, os indícios coletados nos documentos e de acordo com relatos da memória familiar de seus descendentes, a mãe, Anna Luísa, era uma mulher letrada, que sabia francês, tocava instrumentos musicais e que atuou como mestre-escola para meninas na escola particular de primeiras letras do seu marido.

Sobre a atuação profissional³ de João Gumes (pai), sabe-se que ele desempenhou atividades como vereador, secretário da intendência, mestre-escola, aposentando-se como funcionário do Correio. Desenvolver funções vinculadas à área urbana parece ter sido um aspecto comum aos antecedentes de João Gumes. Por meio da análise de documentos, pode-se afirmar que os antepassados de Gumes vieram de Portugal para a região das Minas e o seu pai se estabeleceu em Caetité, dedicando-se a atividades no setor público.

João Gumes (filho) provavelmente concluiu os estudos com seu pai e chegou a cursar o Latim. Desenvolveu, ao longo da sua trajetória, grande habilidade com atividades associadas ao mundo da escrita: tornou-se mestre-escola, funcionário público, tipógrafo, escritor, pintor e arquiteto. Entre as suas realizações, destaca-se a criação de uma tipografia e a fundação do jornal A Penna, que circulou de 1897 a 1943. Gumes foi um dos fundadores, na cidade, do Centro Espírita em 1905, do qual se tornou membro atuante na diretoria, ocupando as funções de presidente e de secretário, até a sua morte em 1930. Gumes casou-se, aos 26 anos de idade, com sua prima Antônia Dulcina Pinto Montenegro (1869-1922), com quem teve 16 filhos.

³ Conforme consta no Fundo: Câmara Municipal, Grupo: Secretaria da Câmara, Série – Ata de Sessões. Data-limite: 1847-1849. Maço: 02 (p.239).

Infelizmente, foram restritos os dados e informações coletados sobre a família de Gumes, o que não nos permite afirmar se os seus pais, também, eram adeptos do espiritismo. Mas acreditamos que, na família, a adesão à doutrina tornou-se uma prática religiosa recorrente entre os contemporâneos de João Gumes, a exemplo do seu irmão Antônio Gumes, que aderiu à doutrina e também atuava como advogado provisionado. Entre os descendentes de João Gumes, muitos são simpatizantes ou praticantes da doutrina Espírita. Atualmente, a direção dos trabalhos do Centro Espírita, que continua funcionando no mesmo local doado por Gumes, está sob a responsabilidade de um dos netos e um bisneto do autor.

Pensar a relação que João Gumes desenvolveu com o Espiritismo e de que maneira essa formação religiosa influenciou a sua participação na cultura escrita, remete-nos a Bernard Lewgoy (2000) quando diz que o Espiritismo é uma religião da cultura escrita; assim, a participação nas práticas religiosas demanda condições mínimas de “letramento”. Defende também que um dos “registros da experiência cultural espírita depende da compreensão de que esta é uma religião do livro, da leitura e do letramento” (2000, p.10), com especificidades que possivelmente não se assemelham às de outras religiões. Para o autor, o Espiritismo é uma religião do livro não apenas por se fundamentar num conjunto de textos basilares da religião, mas também pela intensa presença da literatura religiosa. Esse fato a torna, sobretudo, uma “religião letrada”, pois se apropria de aspectos da modernidade ocidental, como o “racionalismo iluminista”, o “cientificismo” e o “gênero romance” (LEWGOY, 2000, p.11). Como uma religião da leitura, o Espiritismo promove a introdução do neófito nas práticas do estudo dos textos e o introduz no universo de uma cultura literária específica. Por isso, Lewgoy (2000) considera que ser espírita é “ser leitor de livros, revistas e jornais espíritas” (p.13).

A partir dos indícios encontrados nas obras de Gumes, tentamos recompor a sua participação na instância religiosa. Assim, interessa-nos saber em que medida as leituras espíritas influenciaram a sua formação como escritor.

1.2 JOÃO GUMES: LEITOR DE UMA LITERATURA ESPÍRITA

Mapeamos os indícios encontrados, de forma dispersa, na produção escrita do sujeito pesquisado, com o intuito de identificar as obras que leu, bem como os autores que influenciaram a sua formação na doutrina espírita. Venâncio acredita ser possível considerar que a “verdadeira fonte para se conhecer a trajetória de leitura de um escritor é a sua obra, e que as citações feitas por um determinado autor representam aquilo que sua escrita reteve das leituras que realizou [...]” (2006, p.101). Partindo desse pressuposto, investigamos os poucos livros que restaram do primeiro acervo da biblioteca do Centro Espírita, bem como as citações que Gumes fez nas suas obras.

Embora não tenham sido localizados, no acervo do centro espírita, livros de outros autores espíritas, é possível que Gumes os tenha lido, pois faz referência a eles em seus escritos. Um deles é o físico inglês Oliver Lodge (1851-1940). Considerado também

clássico da doutrina espírita, Lodge fez importantes investigações acerca da força eletromotiva nas células voltaicas, sobre as ondas eletromagnéticas e a telegrafia sem fio. Como inventor, contribuiu para o desenvolvimento da eletricidade, mas acabou desviando-se do campo acadêmico para o campo do espiritualismo. O italiano Cesare Lombroso (1835-1909) é outro cientista ao qual Gumes também faz referência, apontando-o como um dos responsáveis pela elaboração do espiritismo como campo científico. No romance *O Sampauleiro*, Gumes recorre à teoria científica do autor, bastante em voga no Brasil na época, para descrever as características marcantes do personagem Roberto: “(...). Era o Homo Delinquente de Lombroso, um perigoso nevrotico, producto sem duvida de ascendentes degenerados pelo alcoolismo (O SAMPAULEIRO, 1932, p.149, vol. II)⁴”. Ao se reportar à teoria de Lombroso, o sujeito narrador parece não fazê-lo na perspectiva da doutrina espírita, mas pautado pela perspectiva científicista que influenciou as pesquisas acadêmicas no século XIX. De acordo com essa teoria, alguns indivíduos apresentam incapacidade intelectual, o que os leva a uma tendência degenerativa tanto física como moral.

João Gumes se reporta no seu romance à leitura de autores brasileiros espíritas, como no fragmento “casamento e mortalha nos céus se talha” (VIDA CAMPESTRE, 1922, p.9); ao mencionar essa frase, Gumes poderia estar referindo-se a um dito popular, bastante conhecido, que inspirou o romance “Casamento e mortalha” de Júlio César Leal⁵, escrito na década de 1880. Tal literatura foi designada de romance de sensação em função da abordagem trágica dos fatos que envolvem um casal de jovens apaixonados. No referido livro, Leal acopla à sua narrativa elementos da doutrina espírita, segundo Alessandra El Far (2004), quando interrompe a narrativa para relatar ‘o fenômeno da aparição do espírito do velho’ (2004, p.169). Presume-se que Gumes também era leitor desses romances, que, em alguma medida, também revelam aspectos dos dilemas e contradições das vivências do Espiritismo no cotidiano do Rio de Janeiro.

No romance *Seraphina*, Gumes relata que, nas décadas finais do século XIX, o Espiritismo ainda era pouco disseminado e, que, portanto, eram restritos os adeptos da doutrina; assim comenta:

Na epocha em que se davam os factos d’esta nossa narração, o espiritismo, ainda quase incipiente, não tinha conseguido alcançar os foros de cidade que só depois William Crookes e seus pares da Sociedade Dialectica de Londres, entre os quaes era elle figura de relevo, lhe concedeu com a sua autoridade de scientista de grande mérito cujo nome já vinha sendo consagrado pelas suas notáveis descobertas no domínio das sciencias. Só depois d’elle, uma plêiade brilhante de sábios, como Olivier Lodge, Russel Wallace, Musset, Fitché, Zolner, du Prel,

⁴ Manteve-se a grafia original utilizada no romance.

⁵ Nasceu em Salvador em 1837, formou-se em Direito, tornou-se funcionário público, sem abandonar, contudo, a prática literária. Escreveu peças de teatro, romances, colaborou em diversos jornais, ocupando-se de assuntos como filosofia, religião, política e direito (AL FAR, 2004, p.164).

Aksakoff, Flamarion, Richet, [...] e um numero incalculavel de sumidades scientificas que seria enfadonho senão impossivel enumerar, depois de serias e perseverantes experiências, cederam o passo à nova doutrina scientifico-religiosa (188?, p.30).

Embora ainda fosse restrito o número de adeptos, assim como a disseminação da doutrina naquele contexto, João Gumes enumera vários cientistas de destaque mundial, considerados, pelos líderes, como “homens eminentes”, “nomes ilustres”, “sumidades intelectuais” (AUBRÉE & LAPLATINE, 2009, p.239), como Fitch, Zolner, Flamarion, Lombroso entre outros, que, de alguma maneira, estavam envolvidos com a nova doutrina. Possivelmente, essa estratégia demonstra uma tentativa de justificar e legitimar o Espiritismo, ou ainda, como analisam Aubrée & Laplatine para o caso de demonstrar que são sujeitos de representação da “civilização ocidental”, assim evidenciar, “aos olhos dos kardecistas brasileiros a prova de que a sua religião não é como as outras” (2009, p.239).

Passamos, então, à biblioteca do Centro Espírita para saber: Quais foram os autores e suas respectivas obras que influenciaram a prática leitora de João Gumes? Em que período foram produzidas as obras?

1.3 A BIBLIOTECA DO CENTRO ESPÍRITA

Para este estudo, a questão temporal torna-se imprescindível para que se dimensione o período em que as ideias sobre a Doutrina Espírita estavam sendo elaboradas e publicadas fora do Brasil e no Brasil, e quando essas ideias chegaram a Caetité por meio dos materiais escritos. Nesse sentido, Júnia Furtado, analisando a biblioteca do naturalista José Vieira Couto, destacou que, no estudo de uma biblioteca, além da classificação dos assuntos abrangidos, deve-se focar a dimensão temporal da sua formação, já que ela se constituiu num tempo específico ou ao longo de uma determinada temporalidade. Assim, ressalta que “a análise de uma biblioteca não pode prescindir de um estudo de sua dimensão temporal, seja da coleção, seja o tempo da produção das próprias obras” (2006, p.76). Vejamos algumas das obras que restaram do acervo inicial da biblioteca do Centro.

Autor	Título	Nacionalidade	Data de publicação
Camille Flammarion	A pluralidade dos mundos habitados	Francesa	1878
Camille Flammarion	Narrações do infinito	Francesa	1910
Léon Denis	Christianismo e Espiritismo	Francesa	1901
Léon Denis	Jeanne d’Arc médium	Francesa	1910

Alexander Aksakof	Animismo e espiritismo	Russa	1903
Victor Hugo	Na sombra e na luz	Francesa	1913
Annie Besant	Mort et l' Au-delà	Francesa	1896
Dr. Albert Coste	Phenomenos psychicos e occultos	Francesa	1903
Robert Dale Owen	Este mundo e o outro	Americana	1900
D. José Amigó y Pellicer	Roma e o evangelho	Espanhola	1889
Gabriel Delanne	Phenomeno espírita	Francesa	1900
Fernando de Lacerda	Do paiz da luz comunicações medianimicas	Portuguesa	1908
Johann Carl Friedrich Zöllner	Physica transcendental	Alemã	1908
Revista espírita	Revista luz e caridade	Portuguesa	1934

TABELA 1 - LIVROS ESPÍRITAS QUE FORMAVAM O ACERVO DA BIBLIOTECA DO CENTRO ESPÍRITA

Sobre esses materiais de leitura e dos seus autores, um dos livros, *Do Paiz da Luz Comunicações Medianimicas*, de Fernando de Lacerda, foi impresso em Lisboa em 1908, e consta na sua identificação que foi “oferecido ao Centro Psychico de Caetité pelo presidente honorário Aristides Spínola⁶, Rio de Janeiro 07/06/1908”. Esse aspecto da questão temporal nos indica que, no processo de constituição do acervo bibliográfico do Centro, os seus membros, e principalmente João Gumes, acompanhavam o que estava sendo produzido naquele momento sobre a literatura espírita no mundo, conseguindo manter os seus conhecimentos atualizados. Isso nos instiga a questionar: como teria chegado tão rápido a Caetité? Verifica-se que o seu doador foi Aristides Spínola que residia no Rio de Janeiro e era vice-presidente da Federação Espírita Brasileira; certamente o cargo que ocupava na instituição, facilitava o acesso a essa literatura específica e sua aquisição, fato que leva a inferir que Aristides funcionou como um contato na capital do país que intermediava o acesso do Centro em Caetité às novas discussões da área. No livro *Narrações do Infinito*, de

⁶ Aristides de Souza Spínola nasceu em Caetité em 1850. Filho de coronel, formou-se em Direito e entrou para a política, exercendo os cargos de deputado provincial pela Bahia, deputado federal no Império e República, radicando-se no Rio de Janeiro. Foi também presidente do estado de Goiás. Foi um dos fundadores do *Jornal do Brasil*. Elegeram-se deputado em 1909 e, dois anos depois, afastou-se da política para dedicar-se à causa espírita. Ingressou na Federação Espírita Brasileira (FEB) em 1905, quando foi eleito vice-presidente da entidade, cargo que manteve até sua eleição para a presidência em 1914. Na FEB, fez parte de um grupo de espíritas que “formularam, durante o século XX, as decisões importantes relacionadas às recomposições do movimento” (AUBRÉE; LAPLANTINE, 2009, p.165). Os autores consideram que Spínola fez parte do grupo dos presidentes da Federação responsáveis por manter a “ortodoxia” da doutrina. Faleceu no Rio de Janeiro em 1925.

Camille Flammarion, tradução feita da 6ª edição francesa, constam o nome de João Gumes e a data de aquisição, em 1894, também do Rio de Janeiro. A data de aquisição desse livro espírita indica ser bem anterior à fundação do Centro na cidade. Esse indício nos leva a inferir que algumas pessoas que se tornariam membros do Centro, como no caso de João Gumes, já realizavam leituras e possíveis estudos da Doutrina Espírita, bem antes da criação da instituição. Existem ainda três livros que foram ofertados ao Centro, por adeptos da doutrina espírita: dr. Cleophano Meirelles, João Gumes e Mário Spínola. Essa forma de doação de materiais escritos ao Centro reforça a ideia de que os seus membros colaboravam com a ampliação da biblioteca, assim como evidencia a relevância da leitura para os espíritas. Dos quatro livros cuja aquisição João Gumes grafou de próprio punho, com os respectivos valores de custo, \$ 6 000 cada um, em dois ele especifica que foram aquisição do Centro e adquiridos do Rio de Janeiro. Nesse sentido, percebe-se como o acervo do Centro Espírita foi relevante na constituição do perfil de João Gumes como leitor.

Interessante identificar como essas leituras espíritas repercutiram na obra de Gumes. Que ideias ele apresentou sobre o Espiritismo?

1.4 JOÃO GUMES ESCRITOR: PRINCÍPIOS ESPÍRITAS EM SUAS OBRAS

Na produção escrita de João Gumes, as ideias e os valores espíritas fazem-se presentes, em alguns livros com mais intensidade, noutros com menor; esse indício nos permite afirmar que no geral existe um fundo espírita que caracteriza a sua produção escrita. Entretanto, deve-se ressaltar que esse fundo não se isola em si mesmo, mas mantém uma intensa interlocução com outras práticas religiosas. No Brasil, as publicações de livros espíritas já eram realizadas desde a segunda metade do século XIX, a exemplo dos escritos de Júlio César Leal, já mencionado. Segundo Célia Arribas, Leal ofereceu seu livro *O Espiritismo: meditações poéticas sobre o mundo invisível*, publicado em Alagoas em 1869, a Teles de Menezes, responsável pela fundação do que consideram o primeiro jornal Espírita do Brasil, *O Echos d'Além-Túmulo* (1869), que circulou na Bahia. Sobre o romance escrito por Leal, a autora o apresenta como “a primeira obra poética de fundo espírita publicada no Brasil” (ARRIBAS, 2010, p.67). Assim, pensamos que os romances, ao abordarem o Espiritismo na sua trama narrativa, contribuíam para dar visibilidade ao tema, sobretudo colaborando no processo de divulgação, popularização e aceitabilidade da doutrina, que, no final do século XIX, ainda enfrentava fortes resistências para o seu pleno estabelecimento.

Regeneração é um dos termos recorrentes na escrita de João Gumes que nos reporta à doutrina Espírita; pode-se pensar que, ao utilizar essa ideia no contexto da sua produção discursiva, o autor traz implícitos os valores do Espiritismo. Conforme evidencia um fragmento da obra *Os Analfabetos* nas ações empreendidas, no romance, por Zezinho, assinala que esse personagem veio imbuído de uma missão que fora previamente definida; assim nos diz:

Era preciso que aquela criança nascesse naquele meio infenso à delicadeza de sentimentos e acuidade de percepção que ela trazia consigo. Veio por interesse daqueles que a acolhiam, tocada de amor e caridade, para melhorar a sorte deles; para trabalhar pela sua regeneração, e, por seu próprio interesse, para mais se detergir no cadinho das provanças que, bem sabia, aguardavam-no neste fragmento da verdadeira vida (ANALFABETOS, 1928, p.30).

Conforme o fragmento do romance, Zezinho tinha consciência de que deveria persistir no seu propósito, apesar de ter que enfrentar vários desafios e provações. Nessa perspectiva, o Livro da Gênese evidencia que “[...] é isso efeito do trabalho íntimo que se opera em prol da regeneração. Surgem desejos, aspirações, que são como que o pressentimento de um estado melhor [...]” (KARDEC, 2013, p.358). Assim, encontra-se Zezinho movido por tais desejos até atingir o seu objetivo.

Outro princípio espírita que também pode ser visualizado na escrita de Gumes é a ideia de vida pós-morte, conceito que possui uma dimensão relevante no Espiritismo. No romance O Sampauleiro, Ambrósio, no leito de morte, dialoga com os filhos e rememora as ações impensadas que realizou com o seu pai quando ele ainda era vivo. Embora o pai se encontrasse em outra dimensão, já lhe havia perdoado pelos erros cometidos; assim, comenta: “Sei que é assim, meus filhos, porque, annos depois da sua morte, meu pae tem vindo consolar-me e animar-me. Hoje, a minha consolação é a certeza de uma outra vida melhor do que esta” (O SAMPAULEIRO, 1922, p.83). Ainda, narrando sobre o leito de morte de Ambrósio, acrescenta: o morimbundo “deu-nos conselhos salutaes e morreu como um justo, com a fronte aureolada pela risonha esperança e consoladora certeza da vida de Alem-tumulo” (p.83). No romance Os Analfabetos, a dimensão da vida pós-morte também se faz presente, conforme mostra o fragmento: “[...] somos mais que ingratos por mera vaidade, por uma fatuidade daqueles que tudo lhe [a Deus] devem desde a vida, a razão, a consciência até todos os meios morais e materiais de que temos necessidade nesta vida transitória e na outra, infinita, a que iremos ter fatalmente” (OS ANALPHABETOS, 1928, p.130). De acordo com o Livro dos Espíritos, “A vida do Espírito é eterna; porém a do corpo é transitória e passageira. Quando o corpo morre, a alma retorna à vida eterna” (KARDEC, 1999, p.90).

A dimensão da providência divina é outro conceito inerente à doutrina espírita que também se faz presente nas obras de Gumes. A história de Zezinho, por exemplo, evidencia que ele tem a possibilidade de realizar o seu desejo, que é aprender a ler. Segundo Gumes, costumava-se afirmar que fatos semelhantes a esse aconteciam “por fatalidade ou, pensamos nós, como providencialista que somos, por calculada determinação divina, [...]” (OS ANALPHABETOS, 1928, p.8). No entanto, para a concretização de tal desejo, aprender a ler, Zezinho teria que enfrentar vários desafios. Assim, o personagem, no alto dos seus pensamentos,

compreendia, porém, que a revelação de seus projetos, ainda em começo de execução, ocasionaria um irremediável desmantelo; seria um corte pela raiz, do

futuro que a Providência lhe reservava em proveito mesmo daqueles a quem tanto amava. Parecia-lhe que naquele momento, por uma graça especial, descortinava Deus ao espírito do bom menino a nobre missão que lhe foi confiada; que lhe sobrevinha uma clara intuição de compromissos que ele aceitou solenemente e a que se não podia esquivar sem que prejudicasse a tranquilidade feliz que alcançaria após o seu cabal desempenho (OS ANALPHABETOS, 1928, p.38). (Grifos das autoras)

O autor confere ênfase relevante à intervenção da Providência ao narrar as “peripécias que se deram na interessante odisséia de Zezinho”, sobretudo para demonstrar que elas foram benéficas, no sentido de “fortalecerem-lhe o ânimo” (OS ANALPHABETOS, 1928, p.91). Assim, destaca: “A Providência, em seus desígnios, desvelando-se carinhosa em encaminhar-nos ao fim que nos é assinado, proporcionando-nos meios que não esperamos e, por caminhos que não nos parecem convenientes, leva-nos ao ponto que colimamos” (p.91).

Progresso, elevação, avanço são outros conceitos inerentes à doutrina e que, também, estão presentes na escrita de Gumes. Esses conceitos cumprem um dos princípios básicos do Espiritismo na busca do avanço pessoal e espiritual; sobretudo, quando essas ideias são aplicadas em defesa dos menos favorecidos. Gumes foi defensor dos injustiçados, dos explorados pelos grandes fazendeiros na região do Alto Sertão baiano. Vale destacar que a sua atuação como advogado provisionado e abolicionista⁷ na defesa de cativos é uma dimensão da sua vida pouco explorada. Entre as ações abolicionistas empreendidas por Gumes, destaca-se um romance manuscrito, *Uma insurreição de negros: pequeno esboço da escravidão no Brasil, 1874*; posteriormente, uma - comédia drama, *A abolição, 1889*. O drama denuncia as práticas do comércio interprovincial de escravos, relatando as formas de resistência empreendidas pelos negros, que não aceitam deixar a família e seguir para províncias do Sul do país. Ainda sobre a exploração a que estavam submetidos os menos favorecidos, Gumes relata que “Os poderosos dominadores em sua maior parte ainda consideram que às classes humildes não assistem os direitos consagrados no nosso pacto fundamental; são elas uma escravaria, principalmente n’estes altos sertões” (VIDA CAMPESTRE, 1926, p.44). Mas, contrapondo-se à prática da exploração, Gumes afirmava: “Em todos os tempos houve espíritos elevados que combateram princípios tão contrários à razão e ao direito; que, tendo em suas mãos poder bastante para exercer o mal como a maioria, dele se utilizam para melhorar a condição dos humildes e ignorantes [...]” (O SAMPAULEIRO, 1922, p.44). Pode-se pensar no princípio cristão básico: a prática do bem. De acordo com o Livro dos Espíritos, “Deus

⁷ Sobre a atuação abolicionista de Gumes, Ricardo Silva (2007) destaca que o seu nome aparecia de forma recorrente “como curador em ações de liberdade impetradas em Caetitê” (p.270). Segundo o pesquisador, após 1870, em Caetitê, organizaram-se redes de libertação entre os cativos e os advogados; parte considerável dessas ações foram exitosas por contar com o apoio do juiz, Joaquim Antônio de Souza Spínola, que era abolicionista e atuava na comarca de Caetitê. Vale ressaltar que essa prática já vinha sendo realizada em outras cidades da província da Bahia.

abenção sempre aqueles que fazem o bem, e aliviar os pobres e aflitos é o melhor meio de honrá-lo”. (KARDEC, 1999, p.234).

Interessante destacar que o avanço e o progresso espirituais é uma prática bastante recorrente nos personagens dos romances de Gumes. No romance *Vida Campestre*, por exemplo, ao referir-se ao personagem major Alexandrino, assim o descreve: “Tinha diante de si, não aquele homem que conhecia desde a sua meninice, mas um verdadeiro apóstolo, uma entidade nova, aureolada, superior; como que se dera uma transfiguração no amigo [...]” (VIDA CAMPESTRE 1926, p.81). Pode-se dizer que essa ação do major demonstra que ele consegue avançar e progredir espiritualmente. Segundo Allan Kardec, “Os Espíritos não pertencem perpetuamente à mesma ordem, todos melhoram ao passar por diferentes graus da hierarquia espírita” (KARDEC, 1999, p.19). Assim, de acordo como a filosofia espírita, a reencarnação é a oportunidade dada ao espírito de atingir o almejado progresso; portanto, a vida terrena oportuniza a regeneração, porque “o progresso ocorre pela encarnação, que é imposta a alguns como expiação e a outros como missão” (p.19).

A comunicação mediúnicamente é outro princípio fundante da doutrina Espírita e que também se faz presente nas obras de João Gumes, embora em seus romances a menção à prática da psicografia⁸ ocorra em menor proporção, se comparada à referência do autor a outros aspectos da doutrina. Sobre essa prática Gumes descreve:

Está por explicar-se geralmente por que maneira a notícia de um fato é transmitida de um para outro lugar, de uma para outra pessoa sem os meios ordinariamente conhecidos como a visão, a audição ou o tato. Telepatia? Transmissão de pensamento? Que veículo será esse que mesmo através do espaço e do tempo, nos põe em relação até com pessoas que não conhecemos, algumas das quais até já não pertencem à comunhão dos vivos? (OS ANALPHABETOS, 1928, p.117).

Assim, o autor continua o relato, dizendo: “O que é certo é que os fatos se reproduzem hoje por toda a parte, e de tal maneira numerosos e convincentes que fazem crer levantar-se uma renhida campanha entre uma multidão de seres inteligentes que agem de um mundo invisível, calculadamente, metodicamente, procurando convencer aos investigadores que negam a vida real fora da matéria” (OS ANALPHABETOS, 1928, p. 117). Segundo o Livro dos Médiuns, “A ciência espírita há progredido como todas as outras e mais rapidamente do que estas” (KARDEC, 2003, p.228). Ainda de acordo com o livro, a ciência espírita já havia passado por rápidas mudanças, de tal modo que “já nos achamos em condições de comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente, como o fazem os homens entre si e pelos mesmos meios: a escrita e a palavra” (KARDEC, 2003, p.228).

⁸ Marion Aubrée destaca a relevância que a psicografia assumiu no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro em 1870. Sugere que essa atividade estava vinculada à “dimensão taumatúrgica”, pois consistia em “receitas e mensagens recebidas pelos médiuns que se consideravam encarregados pelos Espíritos da missão de aliviar os sofrimentos físicos e morais dos seus concidadãos” (AUBRÉE, 2012, p.147).

2. CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Sobre as contribuições que a instância religiosa, no caso, o Espiritismo, teve no processo de participação de João Gumes nas culturas do escrito, fica evidente que o contato contínuo e sistemático com a literatura específica, principalmente com os livros fundantes da doutrina na França, o teria favorecido pela sua condição de leitor em língua francesa. Presume-se que a proximidade de Gumes com o Espiritismo pode ter ocorrido em função das leituras que realizava, considerando que era um leitor ávido por novidades, na medida em que era escritor e jornalista. Dessa forma, mantinha-se sintonizado com as notícias, quer seja em nível de Brasil, como de mundo.

Além das leituras, as redes de sociabilidade possivelmente constituíram outro fator que também contribuiu para aproximar Gumes do Espiritismo, haja vista que mantinha intenso contato com pessoas que faziam parte da elite política, intelectual e econômica, a exemplo de Aristides Spínola, considerado um dos precursores do espiritismo em Caetité; essas redes facilitavam o acesso aos materiais escritos sobre a doutrina. Dessa forma, o Espiritismo se tornou, na vida de Gumes, uma instância que favoreceu e ampliou a sua participação nas culturas do escrito, como potencial espaço de leitura e escrita, pois, além de ler como adepto da doutrina, Gumes lia também para desempenhar as funções administrativas no centro ou, ainda, para ministrar as palestras. Nas suas obras explorou a questão espírita, abordando os seus princípios e preceitos, bem como os dilemas e os impasses que a doutrina enfrentava no Brasil, no final do século XIX e início do XX, para o seu estabelecimento e reconhecimento.

BIBLIOGRAFIA

Arribas, C. G. (2010). *Afinal espiritismo é religião?: A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira*. São Paulo: Alameda.

Aubrée, M. (2012). *Entre História e Mito: a dinâmica da literatura espírita no Brasil*. Caminhos: Goiânia, v. 10, n. 2, p. 145-156, jul./dez.

Aubrée, M.; Laplantine, F. (2009). *A mesa, o livro e os espíritos: gênese, evolução e atualidades do movimento social espírita entre França e Brasil*. Tradutores: Maria Luiza Guarnier et al. Maceió: EDUFAL.

Chartier, R. (2002). *Os desafios da escrita*. Tradução: Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP,

Chartier, R. (2001). *Cultura escrita, literatura e história: Conversas de Roger Chartier com Carlos Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit*. Porto Alegre: Artmed.

El Far, A. (2004). *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras.

Furtado, J. F. (2006). Sedição, heresia e rebelião nos trópicos: a biblioteca do naturalista José Vieira Couto. In: Dutra, E. F. & M. J. *Política, nação e edição: o lugar*

dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX. São Paulo: Annablume.

Galvão, A. M. O. (2010). História das Culturas do Escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: M. Marinho, & G. T. Carvalho, (orgs.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Galvão, A. M. O. et al. (orgs.). *História da cultura escrita: séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

Galvão, A. M. O. (1996). Problematizando fontes em História da Educação. In: *Revista Educação & Realidade*, UFRGS, Porto Alegre – RS. Jul/Dez.

Kardec, A. (2013). *A gênese*. Brasília: Federação Espírita Brasileira – FEB, 53a edição – 1a impressão (Edição Histórica).

Kardec, A. (2003). *O livro dos médiuns*. [tradução de Guillon Ribeiro da 49.ed. francesa]. 71. ed. - Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.

Kardec, A. (1999). *O livro dos espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. Brasília: Federação Espírita Brasileira.

Lewgoy, B. (2000). *Os espíritas e as letras: um estudo antropológico entre cultura escrita e oralidade no espiritismo Kardecista*. Pós-graduação em Antropologia social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Tese de Doutorado), USP.

Silva, R. T. C. (2007). Caminhos e descaminhos da abolição. Escravos, senhores e direitos nas últimas décadas da escravidão (Bahia, 1850-1888). Curitiba: UFPR/SCHLA.

Venâncio, G. M. (2006). Da escrita impressa aos impressos da biblioteca: uma análise da trajetória de leitura de Francisco José de Oliveira Viana. In: Dutra, E. F. & Mollier, J. *Política, nação e edição: o lugar dos impressos na construção da vida política no Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume.

FONTES

Gumes, J. (1928). *Os Analphabetos*. Bahia: Escola Typographica Salesiana, 216p.

Gumes, J. (1922). *O Sampauleiro*. vol. 1, Caetité-BA: Typografia d'A Penna.

Gumes, J. (1932). *O Sampauleiro*. vol. 2, Caetité-BA: Typografia d'A Penna.

Gumes, J. (188?). *Seraphina*. (Manuscrito).

Gumes, J. (1926). *Vida Campestre*. (Manuscrito).

Fundo: Câmara Municipal, Grupo: Secretaria da Câmara, Série – Ata de Sessões. Data-limite: 1847-1849. Maço: 02 (p.239).